



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

Guarda Revolucionária promete retaliação após bombardeios a reator de água pesada e a usina de extração de urânio do Irã. Secretário de Estado americano prevê fim da guerra em duas semanas. Míssil de fragmentação mata civil em Tel Aviv

Ataques de Israel elevam risco nuclear

» RODRIGO CRAVEIRO

Após completar um mês, a guerra entre Estados Unidos, Israel e Irã acena com a possibilidade de uma operação envolvendo tropas norte-americanas e com o risco de desastres radioativos. As Forças de Defesa de Israel (IDF) anunciaram dois ataques a instalações do programa nuclear iraniano: uma usina de extração de urânio em Yazd, no centro do Irã, e o reator nuclear de água pesada de Arak, na mesma região. “O Exército israelense bombardeou recentemente (...) o reator de água pesada de Arak. É um importante local de produção de plutônio destinado a armas nucleares”, afirmaram as IDF. Em outro comunicado militar, Israel classificou a central de Yazd como “uma instalação única no Irã, utilizada para a produção de matérias-primas necessárias ao processamento de enriquecimento de urânio”.

O Corpo de Guarda da Revolução Islâmica (Guarda Revolucionária) promete retaliação pelos bombardeios e instou os funcionários de companhias regionais ligadas com “acionistas americanos” e das “indústrias pesadas aliadas do regime sionista” a abandonarem “imediatamente” seus locais de trabalho. “Vocês nos testaram uma vez; o mundo viu que vocês mesmos começaram a brincar com fogo e a atacar infraestruturas. A equação não será mais ‘olho por olho’, esperem”, advertiu Seyed Majid Moosavi, comandante da Força Aérea Espacial da Guarda Revolucionária.

Rafael Grossi, diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), apelou às partes por “contenção militar, a fim de evitar riscos de acidente”. Ele vê com preocupação recentes ataques com mísseis perto da usina nuclear de Bushehr, no centro-oeste do Irã. “Considerando que se trata de uma central nuclear em funcionamento com grande quantidade de material nuclear, (...) danos à instalação poderiam resultar em grave acidente radiológico que afetaria uma vasta área no Irã e em outros países”, afirmou. A AIEA descartou um aumento nos níveis de radiação em Yazd.

Abbas Araghchi, chanceler do Irã, alertou que o seu país cobrará um “preço muito alto pelos crimes israelenses”. “Israel atacou duas das maiores siderúrgicas do Irã, uma central elétrica e instalações nucleares civis, entre outras infraestruturas. Israel afirma que agiu em coordenação com os EUA.” Depois de reunião, em Paris, com ministros das Relações Exteriores de países-membros do G7 — as sete nações mais industrializadas do mundo —, o secretário de Estado americano, Marco Rubio, estimou que a guerra será concluída “em duas semanas”. “Quando terminarmos com eles aqui, nas próximas duas semanas, eles estarão mais fracos do que jamais estiveram na história recente”, assegurou.

Mobilização

O chefe da diplomacia de Washington disse acreditar que os EUA conseguirão seus objetivos “sem forças terrestres”. No entanto, a Casa Branca cogita o envio de até 10 mil militares adicionais ao Oriente Médio, segundo a imprensa americana.

O *The Wall Street Journal* informou que a iniciativa daria ao presidente Donald Trump “mais opções militares”.

Antes de viajar a Miami, Trump disse que os iranianos “estão sendo dizimados”. “Estamos conversando. Eles querem um acordo.” Mais tarde, durante a cúpula Future Investment Initiative, na Flórida, ele especulou sobre a condição de saúde de Mojtaba Khamenei, novo líder supremo iraniano e filho do aiatolá Ali Khamenei. “Está morto ou em péssimo estado, porque ninguém o tem visto ou escutado falar dele”, declarou Trump. “Este é o único país onde ninguém quer liderar.” O americano instou Teerã a “reabrir o Estreito de Trump — digo, de Ormuz”.

O enviado especial ao Oriente Médio, Steve Witkoff, afirmou esperar que Washington e Teerã tenham uma reunião “esta semana”. “Temos sobre a mesa um plano de 15 pontos. Esperamos que os iranianos respondam. Isso poderia resolver tudo”, acrescentou. Durante a noite de ontem, um míssil de fragmentação iraniano explodiu sobre

AFP



O reator de Arak, supostamente utilizado para a produção de plutônio com fins militares, no centro do Irã: planeta em alerta

AFP



Bombeiros buscam vítimas e inspecionam danos em prédio destruído, em Teerã

Tel Aviv e espalhou munições, matando um israelense de cerca de 60 anos e ferindo outras duas pessoas. Seis locais foram impactados. Logo depois, Teerã foi alvo de violentas explosões.

Os rebeldes separatistas huthis do

Iêmen anunciaram que entrarão na guerra, se os EUA e Israel mantiverem os ataques ao Irã. “Estamos preparados para uma intervenção militar direta em caso de uma nova aliança com os Estados Unidos e Israel contra o Irã (...) da realização

de operações hostis contra o Irã ou qualquer país muçulmano a partir do Mar Vermelho, (...) e caso continue a escalada contra a República Islâmica”, declarou o porta-voz militar dos huthis, Yahya Saree, em vídeo divulgado na rede social X.

Líbano

Em outro front, no Líbano, o Acnur (agência das Nações Unidas para os Refugiados) advertiu para o risco “real” de “catástrofe humanitária”. De acordo com as autoridades libanesas, mais de 1.100 pessoas morreram desde 2 de março. Ao menos 1 milhão de libaneses foram deslocados. Barak Medina, ex-reitor e professor de direito da Universidade Hebraica de Jerusalém, explicou ao *Correio* que o movimento xiita Hezbollah impõe dois tipos de ameaças à população israelense perto da fronteira norte com o Líbano.

“Uma delas é o lançamento de mísseis de fogo direto, a distâncias de até 10km. A operação terrestre de Israel visa impedir essa ameaça e tem sido bem-sucedida”, afirmou. “A segunda vem de mísseis de fogo indireto, que são disparados a uma distância de 40km ou mais. Israel evita operações terrestres contra essa ameaça, pois isso exigiria a ocupação de grandes áreas.”

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

A guerra comanda a política externa

Pela duração prolongada, como pelo seu desenvolvimento e sua expansão, o conflito iniciado com os ataques de EUA e Israel contra o Irã condiciona a agenda internacional até o horizonte visível. Não apenas os governos nacionais, mas também os blocos regionais e de outras categorias terão de traçar sua política externa no compasso de um novo cenário global ainda em esboço.

O Brasil, na antessala de uma campanha eleitoral que se anuncia acirrada, não estará isento. De saída, posições e alinhamentos relacionados à guerra no Oriente Médio farão parte do debate. Paralelamente, Planalto e Itamaraty serão chamados pelos fatos a encontrar respostas e caminhos para driblar impactos externos — a começar pela instabilidade extrema na economia global.

Nos primeiros três anos do mandato que se encerra, o presidente Lula

priorizou, na frente diplomática, a reinserção global do país, após quatro anos de relativa apatia do governo Bolsonaro. Esteve no foco dos holofotes, em 2025, com a cúpula do Brics e a COP de Belém.

As ondas de choque do duelo de mísseis e drones forçam reajustes na estratégia, inclusive no contexto sul-americano, considerado o alicerce da projeção em escala internacional.

Cada um por si

O jogo bruto e quase unilateral de Donald Trump teve, sob determinado ângulo, o efeito de uma tacada de sinuca com a qual um jogador trata de desagrupar e espalhar as bolas sobre a mesa. O primeiro mês da ofensiva termina com a Casa Branca destratando em praça pública os aliados europeus e a Otan. Estes se atêm ao “apoio moral”, engrossam o coro

contra o regime islâmico e de endosso a Israel, mas mantêm distância prudente da linha de fogo.

Também no campo do Brics prevalece a atenção de cada um para com a própria casa. Embora esteja sob ataque um membro pleno, o bloco como tal não fez sequer uma declaração conjunta.

A Rússia, que prioriza a guerra na Ucrânia, contabiliza os ganhos com a alta de petróleo e o alívio das sanções impostas por Washington. A China ocupa-se de assegurar o suprimento da commodity, importada em larga escala do Irã. A Índia, zelosa de não melindrar Trump, negocia discretamente com Teerã passagem segura para os petroleiros que a abastecem, via Estreito de Ormuz.

Esqueceram de mim

Entre os governantes às voltas com

efeitos colaterais do conflito em uma região distante está Volodymyr Zelensky. Se a guerra com a Rússia já vinha com dinâmica desfavorável, a Ucrânia teme agora ficar desamparada no campo de batalha.

Enquanto o Kremlin enche os cofres com a crise e reforça os arsenais, o governo de Kiev vai para o fim da fila nas atenções de Trump. O Pentágono busca meios para acelerar a produção dos (caríssimos) mísseis de interceptação e sistemas de radares que protegem Israel e as bases norte-americanas na região do Golfo Pérsico.

O fim do inverno no Hemisfério Norte prenuncia um verão em que Vladimir Putin terá, possivelmente, o melhor cenário imaginável para avançar no terreno e consolidar fatos consumados na perspectiva de um acordo de paz.

Faz milagre?

Para a diplomacia brasileira, um primeiro teste se desenha para outubro, quando será escolhido o próximo secretário-geral das Nações Unidas. O governo

Lula, em parceria com o México e o Chile, embarcou na candidatura de Michelle Bachelet, política do Partido Socialista, ex-presidente chilena e titular do Conselho de Direitos Humanos da ONU.

No início da semana, o presidente recém-empossado em Santiago, o ultradireitista José Antonio Kast, retirou o apoio do país à “santa de casa”. Bachelet, por ora, decidiu seguir em frente. Conta com Lula e a colega mexicana, Claudia Sheinbaum, para fechar o apoio latino-americano.

O processo de escolha tem duas etapas e começa pelo Conselho de Segurança, que deve encaminhar um nome para a Assembleia Geral. No CS, os cinco membros permanentes têm poder de veto. Um deles, a China, sinalizou que pode até aprovar um nome da América Latina, mas desde que tenha consenso ao menos no próprio país.

Incapaz de operar o milagre em casa, como no dito inspirado nos Evangelhos, Bachelet aposta a ficha nos santos da vizinhança.